

# CADERNOS DE PESQUISA

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS

AGOSTO 1985 Nº 54



## CARTA DA EDITORA

---

Abrindo uma exceção, a revista lança, pela segunda vez no mesmo ano, uma edição especial. Depois dos Cadernos dedicados ao tema da alfabetização — já na sua terceira reimpressão — agora é a questão da mulher que agrupa em torno de si os artigos deste número.

Não é por acaso que, tanto na Fundação Carlos Chagas, como nos *Cadernos de Pesquisa*, os temas da educação e da mulher vêm convivendo durante estes dez anos. Área profissional quase que exclusivamente ocupada por mulheres, o campo educacional foi um dos primeiros a assistir ao surgimento de trabalhos sobre a discriminação de sexo: estereótipos presentes no material didático, diferenciação por carreiras, características do professorado, eram alguns dos problemas inicialmente abordados.

À medida em que as questões eram aprofundadas e outras áreas de estudo também voltavam-se para o tema, os trabalhos ganharam contornos diversos. Sendo sempre poucas, em cada disciplina, as pesquisadoras da questão feminina tenderam a se agrupar, trocando experiências e facilitando a realização de trabalhos interdisciplinares. Novos temas são trazidos para análise e cada área recebe a influência das demais, entre elas a educacional.

O conteúdo deste número expressa tal evolução, que acompanhou a Década da Mulher, definida pela ONU, que se encerra neste ano, na qual a Fundação Carlos Chagas desempenhou importante papel.

M.M.C.

# CADERNOS DE PESQUISA

REVISTA DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO • FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS – AGOSTO Nº 54 1985

Número especial sobre Mulher organizado por: **Cristina Bruschini**  
**Cynthia Sarti**

<b>Carta da editora</b> .....	2
<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	3
<b>ARTIGOS</b>	
PESQUISA SOBRE MULHER NO BRASIL – DO LIMBO AO GUETO? Albertina de Oliveira Costa, Carmen Barroso e Cynthia Sarti	5
A SENHORA DO DIVINO: A MULHER NA FESTA E NA COMUNIDADE Suzel Ana Reily	16
A PEDAGOGIA DO FEMININO: ANÁLISE DE UM RITUAL DE APRESENTAÇÃO DA MENINA À SOCIEDADE Alice Inês de Oliveira e Silva	26
AS MÚLTIPLAS FACES DA MATERNIDADE Lucila Scavone	37
QUITANDAS E QUITUTES: UM ESTUDO SOBRE REBELDIA E TRANSGRESSÃO FEMININAS NUMA SOCIEDADE COLONIAL Luciano Raposo de Almeida Figueiredo e Ana Maria Bandeira de Mello Magaldi	50
MIGRAÇÃO E TRABALHO NA FRONTEIRA AGRÍCOLA: UM ESTUDO DA TRAJETÓRIA DE MULHERES EM CONCEIÇÃO DO ARAGUAIA Jacquelyn Rhea Chase	62
A ROSA NÃO É A ROSA: REFLEXÕES SOBRE A GLOBALIDADE E MULTIPLICIDADE DA VIVÊNCIA DA MULHER E A INADEQUAÇÃO DOS CONCEITOS BIPOLARES Terezinha D'Aquino Ricci	73
SECRETÁRIA: UMA AMBIGÜIDADE EM FEITIO DE PROFISSÃO Amaryllis Schvinger, Danda Prado, Jacqueline Castro	85
<b>COMUNICAÇÕES SOBRE PESQUISA</b>	
RELAÇÃO DOS TRABALHOS REALIZADOS A PARTIR DOS CONCURSOS SOBRE MULHER FINANCIADOS PELA FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS E PELA FUNDAÇÃO FORD	98
<b>RESENHA</b>	
O QUE É PORNOGRAFIA de Eliane R. Moraes e Sandra M. Lapeiz por Pedro Maia Soares	100
<b>Revistas</b> .....	102

*Revisão e padronização bibliográfica: Maria Christina Tavares e Maria da Graça Camargo Vieira*  
*Capa e Planejamento gráfico: Derli Barroso*  
*Publicado com o apoio da Fundação Ford*



## APRESENTAÇÃO

Declarado pela ONU Ano Internacional da Mulher, 1975 transformou-se em marco na história do feminismo e da pesquisa sobre mulher. No Brasil, após a conferência do México, feminismo e estudos sobre mulher ganharam corpo e forma e deram início a um longo processo de amadurecimento. Parte integrante dele, pesquisadoras da Fundação Carlos Chagas, que vinham realizando, desde 1974, seminários, cursos e grupos de trabalho sobre a condição feminina, editaram um número especial do *Cadernos de Pesquisa*, dedicado a essa temática.

Este número (15), de dezembro de 1975, contendo artigos de pioneiras da pesquisa sobre a mulher brasileira, tornou-se importante fonte de consulta sobre o tema, procurado por estudantes e pesquisadores de todos os níveis e reeditado alguns anos mais tarde.

Dez anos se passaram. Hoje encerra-se oficialmente, em Nairobi, a Década da Mulher, com uma avaliação dos resultados alcançados. Entre nós, muita coisa foi feita nesse período. Os movimentos se multiplicaram e diversificaram, em dois Estados foram criados Conselhos da Condição Feminina, está nascendo o Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Os estudos ampliaram seu leque de interesses, abrindo-se de temas menos controversos, como trabalho e educação, para outros mais polêmicos, como sexualidade e violência. Novas metodologias e o uso de recursos audiovisuais foram incorporados. Multiplicaram-se as formas de divulgação, era hora de se fazer ouvir e entender. Buscou-se o conhecimento como via de acesso à transformação social.

Os concursos de pesquisa sobre mulher, promovidos nesse período pela Fundação Carlos Chagas, com apoio financeiro da Fundação Ford, atuaram nesse processo, incentivando novos talentos, garantindo recursos a valores reconhecidos, abrindo espaço para temas e metodologias inovadoras, procurando a melhor forma de divulgar seus resultados. Os livros *Vivência e Trabalhadoras do Brasil*, organizados por Cristina Bruschini e Fulvia Rosemberg e editados pela Brasiliense, são produtos do primeiro concurso, promovido em 1978. Do concurso de 1980 resultou a coletânea *Mulher, Mulheres*, organizada por Carmen Barroso e Albertina de Oliveira Costa, publicada pela Editora Cortez.

Em 1982, data do terceiro concurso, foram financiados 18 projetos, abordando assuntos tão variados

quanto trabalho, saúde, história e participação política, e adotando metodologias heterogêneas como a observação participante, a análise de fontes históricas, a entrevista, o questionário, a fotografia e até mesmo o cinema.

Esta diversidade é a marca deste novo número especial do *Cadernos de Pesquisa*. Planejado para ser uma publicação comemorativa do encerramento da Década da Mulher, o número 54 reúne alguns trabalhos que resultaram de pesquisas vencedoras do 3º Concurso.

Abre a revista o artigo de Albertina de Oliveira Costa, Carmen Barroso e Cynthia Sarti, que analisa a constituição de um novo objeto de estudos, a mulher, nos últimos dez anos, no Brasil. A partir de um levantamento bibliográfico, procura delinear os contornos dessa nova área temática, diferenciando-a da produção sociológica tradicional sobre a mulher, inserindo sua evolução no quadro geral da expansão das Ciências Sociais no Brasil e articulando seu desenvolvimento ao contexto político e social, em especial ao movimento feminista.

A abordagem antropológica aproxima os artigos de Suzel Ana Reily e Alice Inês de Oliveira e Silva. A importância social e política, o *status* adquirido na comunidade por uma mulher, a partir de sua atuação na organização da festa do Divino Espírito Santo, numa pequena cidade do sudeste brasileiro é o tema de Reily, enquanto Silva estuda a construção social da feminilidade através de ritos de iniciação. Pela análise da Coroação de Nossa Senhora, importante ritual, ainda hoje, numa cidade do interior de Minas, a autora mostra como se forjam as concepções sobre o masculino e o feminino, incorporadas desde muito cedo, e como essas idéias se articulam com a reprodução da ordem social.

A maternidade, sua vivência e sua negação, é abordada por Lucila Scavone, baseada numa pesquisa com mulheres da Ilha de São Luís, Maranhão. Scavone mostra a maternidade como uma noção cultural e não biológica, salientando a necessidade de relativizá-la, dada a diversidade entre as mulheres, que as faz viver e representar esse fenômeno comum de maneiras diferentes.

Luciano R.A. Figueiredo e Ana Maria B.M. Magaldi voltam no tempo, olhando a condição das mulheres vendidas nas Minas Gerais do século XVIII. Mostram o significado particular da repressão sexual numa sociedade



escravocrata onde, em nome da suposta "moral e bons costumes", continha-se todo tipo de associação possível entre os "desclassificados".

A trajetória das mulheres migrantes, fenômeno contemporâneo, é enfocada por Jacquelyn Rhea Chase, que analisa o trabalho feminino e sua relação com a família, a partir da situação particular da migração, numa área de fronteira agrícola. Chase mostra que o processo migratório, episódio da história familiar e não individual, reforça as funções reprodutivas da mulher, mantendo-a prioritariamente como dona-de-casa. Mais do que à migração, as alterações no papel feminino estão relacionadas principalmente às diferentes formas de inserção do homem no sistema produtivo.

O trabalho feminino é, também, tema de Teresinha Ricci, que desvenda um cotidiano pouco conhecido, o das oleiras, no interior de São Paulo. Nas olarias, as atividades do trabalho e da casa coincidem no espaço e no tempo, intercalando-se ou sobrepondo-se e nisto criando sua singularidade. Apontando para um problema atual nas pesquisas sobre mulher, a autora acentua, a partir dos dados de seu trabalho, a inoperância de conceitos dicotômicos para explicar a condição da mulher e a necessidade de pensar a articulação das esferas onde ela atua.

A secretária, personagem cotidiana, a quem os estudos sobre mulher deram, até agora, pouca atenção, é objeto de pesquisa pioneira, por Amaryllis Schvinger, Danda Prado, e Jacqueline Castro. As autoras revelam as características dessa ocupação e as representações a ela associadas, focalizando a íntima relação entre mundo privado e profissional no trabalho da secretária.

Para encerrar este número especial Pedro Maia Soares comenta o livro de Eliane Robert Moraes e Sandra Lapeiz, *O que é pornografia* editado pela Brasiliense, em 1984. As autoras iniciaram a reflexão sobre esse tema em parceria, na pesquisa "*A Fala Perversa: um estudo do discurso narrativo erótico*", financiada pelo 3º concurso.

Todos os artigos, guardadas suas diferenças, têm como denominador comum o interesse pela mulher. Mas é a ligação com o concurso — não só distribuidor de

recursos, mas também elo de conhecimento e vivência entre pesquisadoras da mesma área — que estabelece a unidade entre os textos apresentados.

Cristina Bruschini  
Cynthia Sarti